

O nacionalismo de Rocha Peixoto

Relembrou-se há dias, bem justa e comovidamente, Rocha Peixoto, quando por iniciativa da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, seus restos mortais foram trasladados para um mausoléu mandado construir por aquela entidade no cemitério da simpática e valorosa terra poveira, onde elle já repousava em morada que mãos amigas ofereceram ao seu eterno descanso.

A palavra de Manuel Monteiro, verdadeiro mestre da história da Arte nacional, exaltou sua «egregia figura, junto do povo que se compriam a volta do jazigo, e que então melhor atingiu por essa voz autorizada, o que ela foi e é na cultura portuguesa. Essa boa gente, com suas bandeiras representativas, tem a intuição do valor, do prestígio de Rocha Peixoto, mas, naturalmente, desconhece a sua obra, como a maioria dos portugueses a ignora, por se encontrar avulsas, dispersa pelos jornais e revistas de há meio século, com alguns artigos rúnicos em livro, também, pode dizer-se, esquecido. Mas bem sabia que se tratava de um poveiro illustre.

Não erraremos ao julgar Rocha Peixoto enquadrado no movimento que os «Vencidos da Vida» iniciaram, epígono, portanto da grande geração a que pertenceu Ramalho Ortigão (1836-1915). Era de Queirz (1845-19) e Oliveira Martins (1845-1894). Lembremos, com Manuel Gato, que a «entrada de Março de 1888 estava de fresco o título «Vencidos da Vida», cujo melhor período decorreu desde aquele ano até 1891». Ora em 1888 tinha Rocha Peixoto 22 anos, e cá pelo Norte o escol da mocidade, onde elle enquadrava, despretava o meio académico num anseio de realizações, de vastos e generosos programas que pretendiam arrancar o país da sua «apagada e vil existência, marasmado no seu isolamento, perdida a consciência do que era e do que valia, liquidado por uma política sem rumo, inculto e pedinte... Estava a perder se tudo, das tradições, da história ao próprio património nacional, dia a dia defraudado ou obliterado.

Essa gente moça preparava, sem talvez dar por isso, uma revolução. As palavras que proferia era de insatisfeita, de incomformismo ou radical protesto, mas havia a notar-se-lhe, acima da rebeldia, não um nihilismo mortífero mas um construtivismo que a cumprir-se levantaria a Nação. De Julho de 1887, data o início da «Sociedade Carlos Ribeiro», então delineada aqui no Póvo por alguns jovens de talento como Fonseca Cardoso, Ricardo Severo, Xavier Pinheiro, João Barreira — ainda, felizmente, vivo — e Rocha Peixoto.

A primeira campanha lançada num panfleto ex-ltado, mas justo e pensado, de Rocha Peixoto, locava a situação vergonhosa do Museu Municipal, instalado num prédio da R. da Restauração, onde a esmo, sem critério, se acumulavam boas e más coisas: quadros, estátuas de valor, colecções de aranhas, de estrelas do mar, pintasilgos, amostras geológicas e... cabelos de Inês de Castro, José Calzas, Basílio Teles. E «uardo de Sousa, vieram juntar-se ao sino irino, clamando também o seu protesto.

Nas reuniões, ao «Molho do Vento», levantavam-se calorosas polémicas e esboçavam-se planos reformatores. Verdadeiros intelectuais, esses rapazes, preparavam trabalhos a sério nos diferentes sectores da cultura. O seu «rubro jacobinismo» era iluminado por um grande culto nacionalista. Tinham seus ágaros entusiásticos a que se associaram também outros nomes como Hamilton de Araújo, António Nobre, Alexandre Braga, Alvarenga — que eu conheci ainda na B'iblioteca Municipal do Póvo, tão amigo dos «estudantes que o consultavam — Adolfo Portela, Costa Carregal, António Arroyo, Teixeira Lopes...

Que série extraordinária, pois repare-se que valores não se destacam nesta mocidade que mais tarde, pela vida tora, tão nobremente cumprirá Pelas paredes ou salaonde reuniões viam-se alegrias — uma guilhotina a decepar cabeças — liam-

se os nomes de Marat e de outros revolucionários. Acendiam-se vivas discussões não só politicas, mas literárias e filosóficas.

Certa vez António Nobre insurgira-se contra a demagogia, mas logo uma acalorada opposição defendia a igualdade e a fraternidade.

E, à maneira romana, projectavam, quando a Pátria se encontrasse redimida, grandes festas públicas, ali... na Boavista, na rotunda transformada em «Forum», com banquetes opiparos... Mas não ficaram em palavras e em projectos os generosos moços: organizaram excursões, visitas de estudo arqueológicas: «tiasse equipado de geólogo, martelos pendentes, cinturão...» E com indumentária própria e sugestiva demandaram alturas, as serras, os cimcos dos montes onde se alcandoravam os castros e as cianias... quando ainda não conheciam o «patriciar» Martins Sarmiento, o venerando sábio que pôs o seu saber e a sua fortuna ao serviço da grande causa arqueológica. E faziam simultaneamente etnografia, estudando o «folclore», as artes, as indús-

trias regionais... Que salutar exemplo para os novos de hoje tão inspirada campanha de resgate, a destes bons revolucionários que na sua esfera de acção ainda abrangiam a politica colonial, querendo que se realtasse o pensamento do Infante. Ainda lançaram, em 1889, uma revista, com este mesmo espirito construtivo, onde, com Basílio Teles, se lamentava a falta no país de correntes de investigação, o trabalho dispersivo, as curiosidades e os virtuosismos sábios.

Não se perdeu a campanha desta «colina inspirada». Veremos como frutificou mais tarde, com Rocha Peixoto e outros companheiros que constituiram uma das vanguardas mais apetrechadas para o bom combate nacionalista.

AARÃO DE LACERDA

N. da R. — O magnífico artigo que publicamos acima subscrito pelo eminente escritor de arte sr. dr. Aarão de Lacerda, de homenagem à memória do erudito e saudoso poveiro Rocha Peixoto, é transcrito do «Comércio do Póvo» de 9 do corrente.

A propósito da

P a z

Na sua reunião de 9 do corrente, a Câmara Municipal deste concelho deliberou exarar na acta um ardente e entusiástico voto de regozijo por haver terminacão, na Ex-rope, a guerra cruel, horrenda, calamitosa, que, durante cerca de seis anos causou o maior desgaste em vidas e bens materiais; que vitimou milhões de homens, mulheres e crianças, arrasou monumentos, devastou cidades e campos, espalhou a miséria e a fome.

Mas delibrou que se consignasse na acta o seu desejo vivo de que se estabelecesse uma paz justa e digna, sólida e duradoura, para bem da Humanidade, e ainda a profunda gratidão aos dirigentes da Nação por terem conservado Portugal, até o fim, dentro de uma absoluta neutralidade, sem quebra da honra e da dignidade nacional.

No edificio municipal esteve hasteada a Bandeira Nacional, de dia e de noite, nos primeiros dias após a rendição da Alemanha e na primeira noite esteve iluminada a fachada principal. O mesmo se verificou em muitos edificios particulares, que hastearam a Bandeira Nacional com as das bandeiras das Nações Unidas.

DOENÇAS, DOS OLHOS
DR. E. CAMPOS COSTA
com prática no Instituto do Dr. Gama Pinto e nos Hospitais de Paris
Consultas das 14 ás 17 horas, excepto aos domingos.

Em Argival

Na quinta feira realizou-se, na pitoresca freguesia de Argival, deáte concelho, a antiga festividade romaria do Senhor dos Milagres, com o concurso das afamadas bandas de Freemunde e Gueifães da Maia. Verificamos que naquela freguesia se vem fazendo alguns melhoramentos que se impõem pela sua necessidade. Agora, junto à igreja paroquial, foi o recinto belamente ampliado, ten lo sido gastos, com esse melhoramento, alguns contos. Neste progresso de Argival tem tido papel preponderante o nosso amigo sr. Manuel Ferreira da Silva, sempre muito activo e dedicado aos interesses da sua freguesia.

Repartição Técnica

Ao lugar de chefe da Repartição Técnica da nossa Câmara Municipal, vago desde Dezembro d'ultimo, em virtude do pedido de demissão do sr. Eng. Manuel José Moreira, concorreram nove candidatos com o curso de agente técnico do Instituto Industrial do Póvo.

O processo corre os seus termos regulamentares até resolução final.

POLÍCIA

Foi aumentado e melhorado o corpo da policia municipal, constituido, nos termos do Código Administrativo para fiscalizar o cumprimento de posturas e regulamentos policiaes e coadjuvar a Autoridade no exercicio das suas funções.

Há muito se fazia sentir a necessidade desta remodelação e melhoria para repressão de abusos e transgressões insuportáveis, como a criminoso quebra dos globos da iluminação pública, joga da bola nas ruas, depósito de lixo nas vias, largos e praças, etc.

Muito bem andou o sr. Presidente da Câmara tomando esta iniciativa com a qual muito há-de contribuir para que a nossa terra apresente aqeele aspecto de civilização a que não pode nem deve fugir.

As estradas nacionais

que atravessam a Póvoa, devem passar novamente à posse da

NOSSA CAMARA

E' do conhecimento de toda a gente que qualquer proprietário confrontante com as estradas nacionais dentro da vila — neste caso as Ruas Almirante Reis, Paulo Barreto, Praça Marquez de Pombal, Rua Gomes Amorim e Rua da Cidade do Póvo — não podem aformosear, reformar ou aumentar os seus prédios sem uma licença do Ministério das Obras Públicas.

Claro que estas licenças obrigam logo a requerimentos feitos em papel selado, selos, depósito de garantia na Caixa Geral de Depósitos e demais formalidades que não enumeramos não contanto já com o tempo que leva a deferir estes requerimentos, tudo isto faz com que muita gente não melhore os seus prédios existentes naquelas ruas e que outros não construam como seria seu desejo.

Com isto perde muito a fisionomia da nossa terra e deixam de ter trabalho as construcções civis.

Parece que este mal é de fácil remédio segundo nos informam. Basta que a nossa Câmara, a exemplo do que já fez a da nossa vizinha Vila do Conde se proponha mandar fazer o levantamento topográfico das Estradas Nacionais dentro da vila, enviando-o ao Ministério das Obras Públicas com um plano de alinhamento julgado conveniente para aprovação. Esse plano não deixará de ser aprovado pelo Ministro daquela pasta e assim terminará de vez as peias burocráticas agora existentes e os confrontantes daquelas ruas quando necessitem de fazer quaisquer reparos nos seus prédios não terão mais que fazer um simples requerimento à Câmara.

Dizem-nos que o sr. dr. Carlos Moreira pretende construir um prédio na Rua da Cidade do Póvo mas foram tantos e tão grandes os obstáculos que lhe surgiram que este nosso

Concurso do Vestido de Chita

A exemplo do que já foi feito no ano passado, teremos novamente no próximo mês o «Concurso Nacional do Vestido de Chita», organização do nosso estimado colega portuense «Journal de Notícias».

A nossa terra não vai ficar indiferente ao Concurso do Vestido de Chita, e assim muitas das nossas gentis poveirinhas já vão idealizando a confecção do seu vestido de chita e todas, á compita, irão pôr á prova o seu fino gosto artístico na mira do 1.º prémio.

O nosso amigo Mário Vieira, correspondente na Póvoa do «Journal de Notícias», está empregando os seus esforços para que a Póvoa marque no Concurso o seu lugar. E há de marcar.

Acabou a guerra

A «LIVRARIA ACADEMICA» prepara-se desde já para nos próximos meses recomençar a vender todos os artigos Americanos e Ingleses referentes a Rádio e accionários, máquinas, rotas, artigos fotograficos, etc. do mais recente fabrico e da melhor qualidade.

Limpeza pública

A Câmara Municipal acaba de imprimir nova leição aos serviços de limpeza pública, de molde a deles tirar os melhores resultados.

Estabeleceu uma brigada de homens e mulheres, uniformemente vestidos de fatos iguaes, próprios para a limpeza e aumentou o número do pessoal empregado nestes serviços.

Também adquiriu mais carros e substituiu as vassouras de giestas até agora empregadas por vassouras de piasaba, largas, do modelo dos adoptados pelos Serviços de Limpeza do Póvo.

Regosijamos com esta remodelação, da qual muito vai lucrar a Póvoa aos nossos olhos e aos dos nossos visitantes.

Nada impressiona melhor do que ver-se a vila limpa e asseada.

Preciso é que o público corresponda aos esforços da Câmara, evitando quanto possa lançar sujidades para as ruas.

Barbearia

bem situada e afreguesada. Passa-se a informar-se nesta redacção.

Eroquis

INFORMAM as agências telegráficas, que madame Roosevelt, pedida ao presidente Truman para aceitar a presidência de uma comissão de honra, que vai erigir um monumento em memória do falecido Presidente.

A sr.ª Roosevelt, manifestou no entanto o seu desejo, na construção duma grande Casa de São, em substituição do monumento.

A comissão organisadora desta homenagem ao que em vida foi um insigne Estadista, acedeu aos desejos da sr.ª Roosevelt.

A convite do governo inglés, partiram para a Alemanha alguns jornalistas portugueses, que foram visitar os Campos de concentração dos nacionais-socialistas. Tódas as torturas que foram ali praticadas a milhares de pessoas, deverão ser descritas pelos representantes da nossa imprensa, que se encntraram de visita á esses Campos da Morte.

Os jornais ingleses, descrevem cenas horróssas ali cometidas, que são impróprias de países civilizados.

Que o ódio e a traição desapareçam duma vez para sempre do coração dos homens, são os ardentes votos que fazemos.

A. CASTRO

O dia do descobrimento do BRASIL

visto por um escritor brasileiro

O Dr. Augusto Castro Alvim, Delegado do D. I. P. Junho de S. N. I. esteve nas seguintes palavras a propósito da data do descobrimento do Brasil:

«Na passagem de mais uma comemoração do anniversario do descobrimento do Brasil, aprez-me, ainda uma vez, manifestar, em solo português, a minha gratidão de brasileiro a todos os illustres que, desde aquela remota manhã de 1800, têm sonhado, planejado e trabalhado pela antia, colónia e pta nação que se integrou conscientemente na vida tumultuosa e no destino grandioso da civilização occidental.

Se o achamento da Terra de Vera-Cruz fosse um méro facto histórico, ter-se ia sepultado nas páginas dos annos e dos tratados, na reminiscência dos folhinhas. Mas como aquela encoragem da armada de Pedro Alvares Cabral signifi-ca mais o ponto de partida de uma grande empresa social do que a méta atingida de uma didna epopeia geográfica, a sua lição deve ser permanente e o seu exemplo tem a força colitana. O descobrimento de uma região vasta, fértil e rica, habitada, naquela altura do século XVI, por nativos que formaram, com os vossos e com os nossos antepassados, as células iniciais desse povo de quaranta e cinco milhões de criaturas entre as quais conta se hoje um milhão de portugueses, não foi apenas um acontecimento de há quasi quatro séculos e meio — é, deve ser sempre, um acto presente da intelligencia e da sensibilidade de todos os portugueses.

Hoje, como no tempo das caravelas quincentistas, o Brasil está dentro do universo espiritual unemado pela fé e pela coragem dos navegadores a apontulos que as aguas do Tejo lançaram «por mares nunca dantes navegados».

Como os nossos avengos de 1800, falamos hoje o português, «vostamos nos sob a Cruz de Cristo» e propoçamos; através dos consólios humanos, a comunhão fraternal, a compreensão intelligente, a solidariedade económica de todas as criaturas de boa vontade.

E' pois direito e dever, de cada português, renovar hoje e sempre, com amor e carolidade, o descobrimento daqueles pots e daquele povo que têm sempre um progresso material a realizar e uma mensagem espiritual a transmitir.

Para vós portugueses, descobrir o Brasil e os brasileiros é também uma forma de vos descobrirem a vós mesmos».

Desastre

Na cidade do Porto, cruzamento da rua de Santa-Cruzina, 31 de janeiro e a Brãinha, chocaram-se um carro eléctrico e uma camioneta que ia para Fátima, levando alguns poveiros. Do desastre ficaram ligeiramente feridas a esposa e enteada do sr. Júlio Dias, ficando ileso este nosso amigo. A camioneta seguiu depois o seu destino por o desastre não ter tido consequências de maior.

TERRENO

Vende-se na Rua Almeida Brandão. Falar na mesma rua, n.º 7.